



Carta Aware

MARÇO 2025

Leia mais em nosso site: www.awaregestao.com

Estados Unidos

Libertando ou amarrando os EUA?

Mais uma vez, Trump decidiu adiar a tarifação sobre o Canadá e o México e fez questão de deixar claro que não seria uma pegadinha de 1º de abril. Para evitar confusões com o Dia da Mentira, o presidente empurrou o início da cobrança das tarifas para o dia 2 de abril. Ele apelidou a data de Liberation Day, que foi o dia escolhido para anunciar oficialmente as chamadas tarifas recíprocas, uma política de retaliação comercial em que os EUA passam a aplicar, na mesma medida, as mesmas tarifas que são impostas pelos seus parceiros comerciais. Algo como um “olho por olho, dente por dente” da atualidade. Então, pelo menos durante o mês de março, seus vizinhos ainda respiraram aliviados, ganhando um mês extra antes de trégua. A tática, ao que tudo indica, foi para dar mais tempo para as negociações sobre controle de fronteiras e combate ao tráfico avançarem.

Na lista infinita de taxações, mais uma indústria entrou no radar de Trump. Foi anunciado um tarifaço de 25% sobre todos os carros importados para os Estados Unidos, com aplicação progressiva, começando em 2,5%, com a justificativa de proteger a indústria automotiva nacional. A medida parece um tiro no pé, aumentando os preços em um dos principais desejos de consumo do “sonho americano”. Também anunciou a aplicação de uma tarifa de 25% sobre países que importam petróleo e gás venezuelano, endurecendo o cerco sob o país e tentando redirecionar a demanda global para os fornecedores americanos.

Enquanto isso, no mercado interno, os indicadores econômicos mostraram sinais mistos. A criação de 228 mil empregos em março veio bem acima das expectativas, mostrando que o mercado de trabalho segue resiliente. Por outro lado, a taxa de desemprego subiu para 4,2%, o segundo aumento consecutivo, o que trouxe certa apreensão. Já o setor de serviços deu uma esfriada. O PMI caiu para 50,8, o menor nível em nove meses, indicando que a atividade econômica começa a sentir os efeitos do clima de incerteza e das tarifas.

Ainda nesse mês, Trump assinou um decreto histórico criando a primeira reserva estratégica de bitcoins dos Estados Unidos, o que ele mesmo chamou de o “Fort Knox digital”, em homenagem ao bunker de reserva de ouro do estado de Kentucky. Segundo David Sacks, o objetivo é garantir que o país tenha uma posição forte no mercado de moedas digitais, com estratégias de aquisição “neutras para o orçamento”.

E assim, março terminou ao estilo Trump: com seu tom barulhento e imprevisível, cheio de manchetes, tensão e o mercado tentando entender se tudo isso é parte de um plano genial ou só mais um capítulo da novela geopolítica americana.

Europa

Enquanto Trump saiu distribuindo tarifas, o velho continente viveu março tentando manter a pose, fazendo cara de paisagem e falando que tudo vai ficar bem. Pelo menos é o que espera. Dessa vez, mirando a União Europeia com um imposto de 25% sobre as importações, as reações foram imediatas, mas agora que o presidente americano resolveu adiar o castigo, o bloco ganhou uns dias para respirar e descobrir o que vai fazer para lidar com o tarifaço que os espera.

Com a economia ainda tropeçando em suas próprias reformas, o bloco tenta se mostrar firme, mas não esconde a ansiedade. O BCE, por sua vez, continua com cortes modestos, devagar e sempre, mantendo os juros em 2,75% e repetindo que tudo vai ficar bem... eventualmente. Não criemos pânico.

Alemanha

Em março, a Alemanha voltou ao centro das discussões econômicas e políticas na Europa com o avanço de pautas lideradas por Friedrich Merz, que ganhou destaque no parlamento ao defender medidas para fortalecer a posição fiscal e militar do país. Uma das propostas mais relevantes envolve a flexibilização da "regra do freio da dívida", ou "Schuldenbremse", dispositivo constitucional que limita o endividamento público. A justificativa é a necessidade de aumentar os investimentos em defesa diante do novo cenário geopolítico europeu e das exigências da OTAN.

A estratégia discutida busca abrir espaço orçamentário por meio de mecanismos alternativos, como fundos fora do orçamento primário, para que os gastos com defesa não comprometam o teto de endividamento. A medida tem ganhado apoio dentro do governo e no parlamento, sendo vista como uma forma de modernizar as forças armadas alemãs sem fragilizar a responsabilidade fiscal do país.

Além da agenda interna, o setor automotivo alemão acompanhou com atenção os desdobramentos da política comercial americana. A ameaça de novas tarifas sobre carros europeus gera preocupação em um setor estratégico para a economia alemã, que depende fortemente das exportações para os Estados Unidos. O governo alemão tem buscado dialogar com Washington para evitar medidas mais duras, em meio ao ambiente global de crescente protecionismo.

A inflação na Alemanha desacelerou mais do que o esperado em março, caindo para 2,3% na taxa anual, abaixo da projeção de 2,4% e do nível de 2,6% registrado em fevereiro. O núcleo da inflação, que exclui alimentos e energia, também recuou para 2,5%. A desaceleração reforça as expectativas de que o Banco Central Europeu poderá manter o ciclo de afrouxamento monetário nos próximos meses.

Europa

Reino Unido

No Reino Unido, a inflação manteve trajetória de queda e fechou o mês em 2,9%, aproximando-se da meta do Banco da Inglaterra, o que alimentou as expectativas de novos cortes de juros ainda no primeiro semestre. A taxa básica foi mantida em 4,50%, com discurso mais dovish por parte do BoE, sugerindo que o aperto monetário pode ter chegado ao fim. No entanto, os dados de crescimento continuam mornos e o consumo ainda não mostrou reação consistente. Com uma eleição geral se aproximando, o governo tenta conciliar política fiscal e promessas de crescimento, enquanto o mercado observa com cautela os próximos passos da autoridade monetária e os desdobramentos das tensões comerciais com os Estados Unidos.

Ásia

China

Se os vizinhos do gigante americano ganharam um fôlego temporário, a China não teve a mesma sorte. A China está sob os olhares do líder da maior potência mundial desde o início do seu mandato, ou talvez bem antes disso. E, claro, eles não saíram impunes desse verdadeiro tsunami de taxaões.

Em março, Trump elevou ainda mais as tarifas sobre produtos chineses, aumentando-as para 25%, dobrando a alíquota anterior de 10% que já estava em vigor. Pequim não deixou barato e devolveu na mesma moeda, ou melhor, na mesma tarifa. Anunciou taxas recíprocas também na faixa de 25% sobre produtos agrícolas americanos, um setor importante para Trump, por atingir em cheio sua base de eleitores.

Quem dera aos chineses que seu único problema fosse a escalada das tensões comerciais. No primeiro bimestre do ano, houve uma queda de -8,4% nas importações, devido à redução das compras de commodities estratégicas, como minério de ferro e petróleo bruto. A retração reflete não só um ajuste nos estoques, mas também a antecipação da China de um cenário de sanções prolongadas. Já as exportações tiveram um pequeno crescimento, com aumento de apenas 2,3%, muito abaixo dos 10,7% de dezembro, refletindo o impacto da nova rodada de tarifas e a diminuição das remessas antecipadas que vinham sustentando os números nos meses anteriores.

O Banco Popular da China manteve inalteradas as taxas de referência, de 3,1% para um ano e 3,6% para cinco anos, devido à incerteza quanto à economia chinesa e pela fragilidade da demanda interna e crise persistente no setor imobiliário.

Ásia

China (Cont.)

O país enfrenta dificuldades domésticas para reaquecer sua economia, apesar dos esforços de relaxamento monetário. Para reverter esse difícil cenário, o governo chinês cortou compulsórios bancários, injetou liquidez no sistema financeiro e ampliou linhas de crédito direcionadas, especialmente para pequenas e médias empresas e para o setor imobiliário, buscando dar um alívio aos setores mais pressionados. Mas mesmo com essas medidas, a curva de juros local abriu durante o mês, refletindo as dúvidas do mercado quanto à eficácia dos estímulos.

Então, para injetar ânimo em uma economia que ainda sofre com a baixa confiança do setor privado, Pequim anunciou a criação de um fundo de alta tecnologia com a expectativa de 1 trilhão de yuans ao longo de 20 anos para impulsionar setores estratégicos como inteligência artificial. A iniciativa busca não apenas fortalecer a autonomia tecnológica chinesa, mas o fundo faz parte de uma agenda mais ampla para reduzir a dependência de fornecedores estrangeiros em áreas sensíveis e tentar manter a China competitiva em meio ao cerco comercial liderado pelos EUA.

Japão

Em março, o Japão seguiu observando com cautela os desdobramentos econômicos, especialmente no campo da política monetária. O BoJ manteve os juros inalterados, em 0,5%, reforçando a postura de aguardar os resultados das negociações salariais anuais, o Shunto, antes de qualquer movimento mais ousado. A autoridade monetária ainda busca sinais mais sólidos de que o crescimento dos salários será suficiente para sustentar a inflação de forma consistente.

Falando nela, a inflação permaneceu acima da meta de 2%, impulsionada principalmente pelos preços de energia e alimentos importados. Apesar disso, o tom ainda é de moderação, e o BoJ tem evitado pressa. Com a atividade econômica mostrando sinais de recuperação, principalmente via consumo interno e turismo, o país segue em um período de transição. Sem pressa, mas com olhos atentos para as próximas decisões.

O mercado acionário japonês se manteve resiliente, com o Nikkei 225 alcançando novas máximas históricas em março, ultrapassando os 41 mil pontos pela primeira vez. O índice tem sido impulsionado por fortes entradas de capital estrangeiro, combinadas com uma valorização das ações de grandes exportadoras e empresas de tecnologia. O movimento reflete o otimismo com a recuperação da economia japonesa e as expectativas de um ambiente corporativo mais rentável, mesmo em meio à política monetária ainda flexível do BoJ.

América Latina

Argentina

O país fechou o mês com um superávit comercial de US\$ 323 milhões, o décimo-sexto consecutivo. As exportações somaram US\$ 6,3 bilhões, contra US\$ 6 bilhões em importações. Nada como conter o consumo interno na marra pra fazer a balança sorrir.

A inflação, eterna protagonista argentina, deu mais uma aliviada e alcançou 3,7% no mês e 55,9% nos últimos 12 meses. Ainda é um número de deixar qualquer banco central suando frio, mas para os padrões locais, já quase parece estabilidade. Milei continua apostando no tripé "ajuste, arrocho e esperança", e, por enquanto, o mercado tem respondido positivamente às medidas.

Mas nem só de economia vive o país. Em 24 de março, milhões de argentinos foram às ruas para lembrar o Dia da Memória, Verdade e Justiça, em homenagem às vítimas da ditadura militar. A marcha teve um simbolismo especial este ano, a rara união entre diversas organizações sociais e de direitos humanos, algo que não se via há um bom tempo. Porque por mais que o país mude de governo, de moeda ou de meta fiscal, memória e resistência continuam firmes no calendário.

México

Em março, o México voltou ao centro do palco nas tensões comerciais com os Estados Unidos. Depois de ameaçar tarifas de 25% sobre produtos mexicanos ainda em fevereiro, Trump recuou momentaneamente e adiou a cobrança para 2 de abril, uma trégua com prazo de validade. Durante o mês, o governo mexicano adotou um tom mais diplomático, reforçando os compromissos com o controle de fronteiras e o combate ao tráfico, tentando manter as portas abertas para o diálogo. A estratégia, até aqui, parece ser evitar o confronto direto e ganhar tempo. Internamente, o país segue em ritmo moderado de crescimento, enquanto monitora de perto os desdobramentos da política comercial americana, ciente de que qualquer escalada protecionista pode afetar seriamente sua balança comercial, dada a forte dependência das exportações para os EUA.

Em relação à sua política monetária, o Banco Central do México reduziu a taxa básica de juros em 0,5 ponto percentual, para 9% ao ano, em linha com o esperado. A decisão veio sustentada por uma inflação que, embora ainda acima da meta oficial de 3%, segue em trajetória de queda. O índice fechou março em 3,8% no acumulado de 12 meses, praticamente estável frente a fevereiro e bem abaixo dos 4,42% de um ano atrás. No comunicado, o Banxico destacou que o processo de desinflação continua, mas alertou que as tensões comerciais persistem como risco relevante para o crescimento.

Brasil

O Banco Central aumentou em 1 ponto percentual a Selic, 13,25% para 14,25% ao ano, destacando na ata da reunião de março de 2025 o seu compromisso com a convergência da inflação à meta, mesmo diante de um cenário desafiador.

O Comitê de Política Monetária sinalizou que novos aumentos na Selic poderão ocorrer caso a inflação não mostre sinais de desaceleração. A política monetária continuará restritiva por mais tempo devido aos desafios inflacionários e aos efeitos defasados das altas anteriores. O mercado espera que o ciclo de alta termine em meados de 2025, mas cortes na Selic só devem ocorrer em 2026.

As projeções indicam que o IPCA deve encerrar 2025 em 5,1%, acima do teto da meta, e que as expectativas inflacionárias seguem desancoradas no longo prazo. O comitê ressaltou as incertezas externas, como os impactos das políticas comerciais dos EUA, e sinais de moderação no crescimento econômico interno, embora a economia ainda esteja aquecida.

Falando de inflação, outro evento importante do mês de março foi a divulgação do IPCA de fevereiro. A inflação oficial do país registrou alta de 1,31%, o maior avanço para o mês desde 2003.

O grupo de Habitação liderou o impacto no índice cheio, com variação de 4,44% e contribuição de 0,65 ponto percentual, impulsionado pelo reajuste das tarifas de energia elétrica residencial após o fim do Bônus Itaipu. Educação veio em seguida, com alta de 4,70% e impacto de 0,28 p.p., devido aos reajustes sazonais das mensalidades escolares.

No acumulado de 12 meses até fevereiro, a inflação chegou a 5,06%, superando o teto da meta do Banco Central e refletindo pressões persistentes em itens essenciais para as famílias brasileiras. O Ministro da Fazenda, Fernando Haddad, reforçou que o governo está atento à dinâmica inflacionária e comprometido com medidas para conter pressões de preços, especialmente em itens monitorados e alimentos.

Quanto a situação fiscal, as contas do setor público consolidado registraram déficit primário de R\$ 18,97 bilhões em fevereiro de 2025, equivalente a 1,96% do PIB. O déficit primário representa o saldo negativo das contas públicas antes do pagamento de juros da dívida. O resultado foi influenciado principalmente pelo saldo negativo do governo federal (R\$ 28,5 bilhões) e parcialmente compensado pelo superávit de estados e municípios (R\$ 9,2 bilhões).

No acumulado de 12 meses até fevereiro, o déficit primário ficou em R\$ 15,9 bilhões, ou 0,13% do PIB, mostrando melhora frente ao mesmo período do ano anterior. Contudo, o valor ainda se encontra distante da meta de déficit zero estabelecida pelo governo para 2025.

Em relação à dívida pública, a relação dívida/PIB subiu para 76,2% em fevereiro, após ter registrado 75,3% em janeiro, segundo o Banco Central. As projeções para o fim de 2025 variam: o governo estima que a dívida bruta encerre o ano em 78,5% do PIB, enquanto o mercado projeta cerca⁷ de 80,5%, um nível de endividamento considerado elevado para países emergentes.

Juros & Câmbio

O mês de março foi marcado por forte volatilidade na curva de juros brasileira, refletindo fatores tanto domésticos quanto internacionais. No início do mês, os juros futuros operavam em patamares elevados, impulsionados por dados de emprego e renda aquecidos, além de pressões inflacionárias persistentes. O mercado precificava novas altas da Selic, diante da percepção de que a inflação não convergiria para a meta, mesmo com sinais de moderação na atividade.

A curva de juros ganhou mais inclinação após a decisão do Copom de elevar a Selic em 1 ponto percentual, acompanhada da sinalização de que novos aumentos serão menores. No fim do mês, porém, houve reversão expressiva. A promessa de um novo pacote tarifário nos EUA provocou queda nas curvas de juros globais, levando investidores a buscar ativos considerados mais seguros, como os títulos do Tesouro americano. Esse movimento global de aversão ao risco fez os juros futuros brasileiros recuarem de forma expressiva, com os contratos de Depósito Interfinanceiro (DI) para 2026, 2027 e 2029 registrando quedas relevantes nas taxas. O mercado passou a precificar um ciclo de aperto monetário mais brando e, inclusive, antecipou expectativas para o início de cortes na Selic ainda em 2025, caso o cenário de desaceleração global se confirme.

Nos EUA, os Treasuries também oscilaram. A curva americana, que vinha invertida, começou a normalizar diante da expectativa de cortes pelo Fed. Apesar disso, a taxa básica foi mantida entre 4,25% e 4,50%, com o comunicado do Fed destacando incertezas advindas das tarifas e exigindo mais evidências de queda da inflação e resiliência do mercado de trabalho antes de cortar os juros. As taxas do T2 oscilaram com os dados econômicos e as sinalizações do Fed, enquanto o T10 recuou mais fortemente, refletindo a busca global por segurança.

No câmbio, o real teve forte valorização frente ao dólar, que caiu 3,56% no mês, e fechou a R\$ 5,70. O movimento acompanhou a desvalorização global da moeda americana, com o índice DXY recuando 3,16%, em meio às incertezas comerciais e reavaliação da política monetária. A combinação entre juros altos no Brasil e dólar fraco no exterior favoreceu o real, ainda que o mercado siga atento à possível volatilidade gerada pelas tarifas e pelas futuras decisões do Fed.

Moedas

Dólar	5,70	-3,56%
Euro	6,29	0,69%
Libra	7,55	-0,62%
Yuan	0,79	-2,71%
Iene	0,04	1,03%
Lira Turca	0,15	-7,11%

Evolução Dólar



Fonte(s): Yahoo Finance. Elaborado pelo Aware Investments

Evolução DXY



Evolução Ouro



Fonte(s): Yahoo Finance. Elaborado pelo Aware Investments

Bolsas

Março foi um mês de retomada para a bolsa brasileira, que, após a correção de fevereiro, voltou a animar os investidores. O Ibovespa subiu 6,08% no mês, fechando aos 130.259 pontos e recuperando o fôlego perdido, ainda que sem superar a máxima histórica de agosto passado. No acumulado do ano, o índice já soma alta de 8,29%, mostrando que o apetite por risco segue firme, mesmo diante do sobe e desce global. O mercado brasileiro se descolou do exterior, impulsionado por setores de peso como bancos e por uma rotação global de ativos, com investidores buscando refúgio em mercados emergentes diante das incertezas vindas dos Estados Unidos.

O fluxo estrangeiro continuou positivo, com entradas líquidas de cerca de R\$ 3,5 bilhões no mês e saldo de R\$ 11 bilhões no trimestre, mostrando que o Brasil voltou a ser destino de capital internacional após a debandada de 2024. Enquanto isso, investidores institucionais domésticos mantiveram postura cautelosa, e os individuais seguiram comprando de forma tímida, talvez ainda testando a temperatura do mercado.

Se por aqui o clima era de festa, lá fora o cenário foi de ressaca. As bolsas americanas aprofundaram as perdas: S&P 500 caiu 5,8%, Nasdaq tombou 8,2% e Dow Jones recuou 4,2%, em meio à escalada das tensões comerciais e à incerteza sobre o crescimento nos EUA. O mês foi o pior para o S&P desde dezembro de 2022 e para o Nasdaq desde setembro daquele ano, com as big techs liderando a realização de lucros. O anúncio de um novo pacote tarifário pelo governo Trump aumentou o nervosismo, levando a uma rotação global de portfólios e à busca por proteção em ativos de menor risco.

Na Europa, o ritmo também desacelerou: o STOXX 600 recuou 4,2% em março, mas ainda acumulava alta de 5,8% no trimestre. O FTSE 100 também teve queda, de 2,6%, e o Nikkei caiu 4,1%. O MSCI Emerging Markets, por sua vez, obteve uma leve alta, de 0,63%. No campo das commodities, o ouro renovou máximas históricas, enquanto o petróleo Brent seguiu pressionado por preocupações com a demanda global.

Índices

Ibovespa	130.259	6,08%
S&P 500	5.521	-5,82%
Nasdaq	17.303	-8,23%
Euro Stoxx 50	5.489	2,47%
Shanghai	3.335	0,44%

Ibovespa



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

S&P 500



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Índice EWZ



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Perspectivas

O mercado encerra março com um misto de ansiedade e esperança. Nos Estados Unidos, a tensão comercial voltou a subir com o novo pacote tarifário anunciado por Trump, trazendo preocupação sobre seus efeitos no crescimento global. Apesar disso, o mercado de trabalho continua resiliente e o Fed mantém o discurso cauteloso. Por ora, os juros permanecem estáveis, mas a expectativa majoritária ainda aponta para cortes modestos no segundo semestre, caso a inflação continue cedendo.

Na Europa, o Banco Central Europeu já dá sinais claros de que os cortes de juros devem começar ainda em 2025. A inflação segue em trajetória de desaceleração e o crescimento econômico permanece fraco, o que reforça o argumento para um início de afrouxamento monetário nos próximos meses, mesmo que de forma gradual e conservadora.

Na China, os dados seguem mistos. Pequim anunciou novas medidas de estímulo e criação de fundos estratégicos para tecnologia, mas a recuperação ainda não empolgou. A confiança do setor privado e o consumo interno continuam frágeis, pressionados pela desaceleração do mercado imobiliário e pelo ambiente internacional mais hostil.

O Japão segue como um ponto fora da curva. A bolsa renovou máximas históricas, apoiada pelo fluxo estrangeiro e por uma recuperação sólida do consumo interno. O Banco Central ainda mantém os juros baixos, mas já admite que, com o fortalecimento da economia doméstica, mudanças na política monetária podem ocorrer nos próximos trimestres.

No Brasil, o cenário é de atenção redobrada. O Copom elevou a Selic para 14,25% ao ano, reforçando o compromisso de ancorar as expectativas de inflação. O mercado já começa a ponderar que a economia local pode começar a sentir mais fortemente o peso dos juros elevados, e a expectativa para a inflação ao final do ano permanece acima do teto da meta. No câmbio, o real se fortaleceu diante da fraqueza do dólar global, e a bolsa brasileira teve um mês de recuperação, impulsionada pelo fluxo estrangeiro em busca de oportunidades em mercados emergentes.

Em resumo, março termina com um mundo mais tenso, mas ainda com apostas de que a combinação entre cortes de juros no exterior e estímulos na Ásia pode evitar uma desaceleração global mais severa. O ambiente segue desafiador. Para quem busca navegar 2025, a palavra de ordem continua sendo adaptação.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que dependemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

Brasil • Portugal • Suíça

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com